

O grito de Cipriano Algor como história de emancipação: análise de *A caverna* de José Saramago como recusa em aceitar a cópia imperfeita da vida

Ana Cláudia C. Henriques¹

Resumo: A partir do debate sobre o livre-arbítrio e liberdade na obra de Saramago, defende-se a necessidade de criação de circunstâncias humanas para o florescimento de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, refletiremos sobre a atual ética de concentração e distribuição de riqueza como forma de emancipação individual e coletiva. Centrar-nos-emos na análise da figura de Cipriano Algor, e seu percurso emancipatório, para dar conta do exemplo da construção de uma personagem que ganha consciência das linhas invisíveis da opressão sobre a classe trabalhadora.

Teremos como base de análise a crítica literária marxista de Terry Eagleton e os fundamentos teóricos de Marx.

Palavras-chave: capitalismo, neoliberalismo, crise, Marx.

A origem da divisão de classes é supostamente explicada quando contada como uma historieta sobre o passado. Em tempos idos, havia dois tipos de pessoas; um era a elite dirigente, inteligente e, acima de tudo, frugal; o outro, os patifes preguiçosos que gastavam o seu pecúlio, e mais ainda, numa vida desregrada. [...]. Então o que se passou foi que o primeiro tipo acumulou riqueza e o segundo tipo acabou por ficar sem nada para vender, exceto a própria pele. E deste pecado original data a pobreza da grande maioria que, apesar de todo o seu trabalho, não tem agora nada para vender exceto a si própria, e a riqueza dos poucos que aumenta constantemente apesar de terem há muito deixado de trabalhar. Esta infantilidade insípi-

1. IHC/FCSH – Universidade Nova de Lisboa. E-mail: a2020107354@campus.fcsh.uni.pt

da é-nos pregada todos os dias em defesa da propriedade [...] Na história real, é notório que a conquista, a escravização, o roubo, o assassinio, em suma, a força, desempenham o papel principal. (Marx, in Wolff, 2003: 62)

Sabemos hoje que o trabalho como atividade ontológica está assente em processos de domínio da Natureza sob a qual se humanizam os indivíduos. Distançamo-nos dos animais através de uma atividade produtiva intencional e ganhamos consciência de que, como espécie, só existimos em razão da nossa evolução a partir do trabalho. Por essa razão, o estudo das relações laborais e da condição dos sujeitos nas atividades produtivas a que se dedicam é de suma importância para compreender as relações que os Homens tecem entre si, consigo mesmos e com o mundo. No entanto, nem sempre as ocorrências que se desenvolvem no plano consciente da vida, suas ligações e consequências no quotidiano, são inteiramente perceptíveis por quem as experiencia. Por isso, a obra de Saramago pode ser estudada como ponto de partida para a análise crítica das especificidades da nossa época, pois dá conta de dinâmicas sociais, valores e sentimentos, que a literatura torna menos opacos, facilitando a transparência possibilitadora duma reflexão sobre a nossa condição.

No entanto, não terá sido apenas a partir de uma experiência de contemplação idealista do mundo que o autor terá chegado ao produto final da sua obra. A tão apurada capacidade de interpretação social do texto saramaguiano poderá ter sido desenvolvida a partir de um processo em que o autor imiscui a sua experiência de vida, a consulta de documentos históricos e também o estudo da própria historiografia. Tal, ter-lhe-á propiciado um conjunto ordenado de valores, impressões e sentimentos que foram essenciais no tratamento das suas fontes. Nesse sentido, procuramos aqui entender até que ponto a construção ideológica do autor terá apenas matizado um aspeto utópico da sua obra ou se, pelo contrário, contribuiu efetivamente para uma construção narrativa em que a ideologia marxista se materializa no próprio texto ficcional.

A caverna, objeto de estudo central deste ensaio, surge no panorama literário no ano 2000, época que a OIT (2004: 3) considerou como decisiva na busca de soluções para a encruzilhada histórica em que se encontrava a Humanidade. Era já possível fazer uma análise dos últimos 30 anos das políticas neoliberais, cujo resultado indicava a necessidade de alternativas que punham em causa o modelo de mercado que nos tinha conduzido, precisamente, ao ponto de rutura. Ao permitir-se a liberdade absoluta de circulação de capitais à escala mundial, numa época coincidente com a separação entre Estado e economia, criou-se a possibilidade de desregulação dos mercados financeiros, ao mesmo tempo que sub-reptivamente se foi aceitando a submissão do poder político ao económico. Favoreceram-se também vagas de privatizações de empresas estratégicas para as soberanias nacionais e deu-se prioridade ao combate à inflação em detrimento de políticas de

promoção de emprego. Tal, aliado à imposição de regras sistemáticas de equilíbrio orçamental, conduziu os governos no sentido de uma gradual asfixia do Estado social, o que resultou numa perda de segurança para as classes trabalhadoras. Foram escolhas que nos conduziram a um período de transição do sistema mundial, através de um processo «altamente destrutivo de equilíbrios e identidades insubstituíveis» (Santos, 2001: 98), sustentado a partir de uma argumentação de *falsas ideias claras* e, pela qual, se justificou a terceira fase da globalização.

É sob este estado de desencantamento que José Saramago, autor comprometido com uma visão crítica do processo de globalização, apresenta um romance que trata literariamente os sentimentos e emoções dominantes da sociedade ocidental na passagem para o segundo milénio. Através da literatura, permitiu que o leitor pudesse entender a dramatização das forças históricas resultantes da passagem do capitalismo industrial para o financeiro, dando conta de um tipo de opressão emergente, responsável por encerrar o indivíduo na sua condição socioeconómica, pondo em causa a mobilidade social que os trabalhadores europeus tinham conquistado no pós-guerra.

A partir da figura de Cipriano Algor, oleiro de profissão e protagonista da obra, o autor explora a posição solitária do trabalhador que, interdito à posição de *sujeito da história*, se vê subjugado por cláusulas contratuais que não tem controlo e, portanto, é obrigado a aceitar situações profissionais que têm um grande impacto negativo na sua vida pessoal. Contudo, o romance vai muito além de uma caricatural análise do *cœur humain* centrada no percurso de um indivíduo. Saramago, a partir de um argumento ficcional construído com base num problema que emerge de uma conjuntura histórica, questiona a validade de uma fórmula estrutural de desenvolvimento que se fundamenta na concentração ilimitada de capital em grandes grupos económicos, independentemente das desvantagens sociais que daí resultam. Neste caso, o Centro, representa esse tipo de organização que, por atingir uma certa dimensão e força, se sente no direito de ignorar o diálogo inerente à concertação social, para se autorizar a introduzir formas de gestão e controlo responsáveis por afetar a organização do trabalho, numa desproporção tal, que retira à classe subalterna a sua possibilidade de emancipação.

Nesse sentido, *A caverna*, que nasce de uma conceção ideológica da sociedade, oferece o entendimento da totalidade do processo social em que a própria obra literária se insere, pois nela se incluem as múltiplas formas, percepções e maneiras de ver o mundo, que dão conta da compreensão do processo revolucionário da própria História.

Cipriano Algor, homem de meia idade, representa o trabalhador de rotinas certas, que na oficina de sua casa transforma a argila em loiças, para depois as vender no centro comercial. Porém, a partir do ponto conflitual da obra, o momento em que é informado de que o Centro não comprará mais os seus produtos, a personagem sofre um processo de subjetivação da sua própria identidade, que passa

a estar balizada pela experiência pessoal inédita de se ver sem trabalho e sem sustento. «O aparecimento aí de umas louças de plástico a imitar o barro, [...] que pesam muito menos e são muito mais baratas» (Saramago, 2010: 23) assinala o início de uma sequência de pensamentos marcados pela angústia, que obrigam o protagonista à reinterpretação da situação em que se encontra.

O Centro informa Cipriano sobre a suspensão do fornecimento de louças através de um funcionário que se limita a transmitir ordens num tom desinteressado e insensível. O oleiro reage mal, no entanto, por precaução face ao futuro, adota um discurso conciliatório, pois sabe que a situação de conflito em nada o beneficiará. Torna-se vítima da sua posição de subordinação e de uma tendência individualista da sociedade, que tem vindo a sujeitar o indivíduo à assimilação e aceitação da sua circunstância como inevitável, tratada não como problema estrutural, mas como resultado de uma incapacidade ao nível do fracasso pessoal. O comunicado sobre o corte de abastecimento dos produtos de barro é unilateral e não inclui alternativa ou desenho de outra possibilidade de sobrevivência económica para o oleiro, que sem outra opção faz solitariamente «o resto do caminho [...] num contínuo cogitar sobre o futuro difícil que esperava a família Algor se o Centro persistisse na avaliação dos produtos de que a Olaria fora talvez a primeira vítima» (Saramago, 2010: 27).

Atormentado por este ambiente de dúvida, a personagem desenvolve um monólogo interior, que funciona em forma de resistência psíquica, enquanto alimenta uma esperança ingénua de não se vir a tornar completamente dispensável. Contudo, ainda que o oleiro diga para si próprio que «[...] de todo o modo vender metade era melhor do que nada, as coisas acabarão com certeza por compor-se.» (Saramago, 2010: 23), a verdade é que o caminho da nova organização social do trabalho, desenhado segundo os critérios do Centro, não lhe acalantar as expectativas. Manietado por um contrato de interesses unilaterais, será obrigado a envolver-se num processo social que o força a aceitar todas as condições determinadas por outrem.

O protagonista experienciará a passagem do contexto disciplinar de Foucault para uma sociedade de controlo descrita por Deleuze, que tem como base a subordinação dos trabalhadores a um sistema produtivo que gera acumulação de capital, na mesma proporção que aumenta formas de poder e controlo. Neste processo, Cipriano, como personagem-tipo, representa uma grande parte da massa trabalhadora que é afastada das decisões relativas à produção, assim como do resultado do seu trabalho. Por isso, a sua nova situação já não lhe permitirá as antigas condições de superação de si, que anteriormente o conduziam à sublimação por via da atividade profissional.

A este respeito, em *Manuscritos económico-filosóficos de 1844*, Marx interroga-se sobre o significado da alienação para explicar que, na era do capitalismo, o trabalho é exterior ao trabalhador e, nesse sentido, não pertence à sua natureza — o

que justifica o sentimento de não realização e infelicidade do sujeito que, por não desenvolver uma atividade geradora de energia física e mental que lhe confira liberdade, lhe arruína o espírito. O indivíduo trabalha apenas para ser ainda mais subordinado, sendo precisamente essa a condição da sua alienação.

O trabalhador, assim, só é ele próprio quando não trabalha, e no seu trabalho sente-se fora de si próprio. O seu trabalho, por isso, não é voluntário, mas forçado. Não é a satisfação de uma necessidade, mas somente uma forma de gratificar a necessidade de outrem. (Marx, 2004: 117)

A situação de Cipriano Algor exemplifica as três fases que explicam o conceito de alienação a partir de Marx: o protagonista separa-se da sua essência ou natureza, depois distancia-se do seu produto e do processo de produção e, finalmente, já instalado no Centro, não se reconhece como parte do mesmo destino no conjunto dos outros moradores. É então evidente que o trabalho deixa de ser uma fonte de significação social, de identidade e de reconhecimento, para ser objeto de dependência e sacrifício, num processo em que o protagonista se separa «da casa, da olaria, do forno, da vida» (Saramago, 2000: 35). As personagens ficam, desta forma, sujeitas ao invisível poder financeiro que lhes limita os comportamentos, por forma a assegurar um modelo de pensamento único, que permita ao Centro o monopólio do lucro a partir, não só da gestão do trabalho, mas da totalidade da vida dos indivíduos que, organizados em rebanhos estandardizados, são encaminhados a assumir como inevitável o gradual empobrecimento do seu potencial de felicidade.

É nesse sentido que a trajetória imposta a Cipriano Algor, que vai do ato divino da criação ao vazio alienante da sobrevivência biológica, o posiciona na subalternidade da globalização, em tudo contrária à noção de realização profissional e pessoal.

Por isso, a mais recente condição trágica de Cipriano Algor é agora incompatível com a harmonia que se espera de uma vida boa, pois esta proposta de nova sociedade global não passa de uma debilitação do sensível, que propõe ao indivíduo um mundo de banalidades sem lugar para relações emocionais significativas. A mudança para o Centro representa uma transição forçada e desumanizada para um estilo de vida que foi sendo subliminarmente imposto. A família abandona a sua casa, lar harmonioso organizado em torno de pequenos gestos de solidariedade, para passar a viver num lugar de superficialidade, indiferença e cinismo. Portanto, a nova residência dos Algores simboliza, na obra, o desconfigurar da sociedade pela proletarização dos modos de vida e destruição do encanto da existência.

No entanto, é precisamente a resistência de Cipriano à organização disciplinadora do Centro o que o conduz ao segredo das misteriosas figuras que encontra numa imensa cave. A sua libertação, e conseqüentemente a da sua família, ocorre

a partir do confronto com esta observação que o desperta para um novo estado de consciência. O momento de epifania da obra acontece quando Cipriano estava só na gruta e «dentro de si ouviu um grito que o chamava à ordem» (Saramago, 2000: 332). A partir daí surge a revelação:

A luz trémula da lanterna varreu devagar a pedra branca, tocou ao de leve uns panos escuros, subiu, e era um corpo humano sentado o que ali estava. Ao lado dele, cobertos com os mesmos panos escuros, mais cinco corpos igualmente sentados, erectos todos como se um espigão de ferro lhes tivesse entrado pelo crânio e os mantivesse atarraxados à pedra. A parede lisa do fundo da gruta estava a dez palmos das orbitas encovadas, onde os globos oculares teriam sido reduzidos a um grão de poeira. Que é isto, murmurou Cipriano Algor, que pesadelo é este, quem eram estas pessoas. Aproximou-se mais, passou lentamente o foco da lanterna sobre as cabeças escuras e ressequidas, este é homem, esta é mulher, outro homem, outra mulher, e outro homem ainda, e outra mulher, três homens e três mulheres, viu restos de ataduras que pareciam ter servido para lhes imobilizar os pescoços, depois baixou a luz, ataduras iguais prendiam-lhes as pernas. (Saramago, 2000: 332)

Explica Ana Paula Arnaut (2014: 42) que na ficção saramaguiana as personagens buscam o seu aperfeiçoamento «num processo de reaprendizagem que começa e acaba no próprio ser humano». O autor, que sempre rejeitou o discurso utópico, “por ser um discurso sobre o que não existe” (Especiais — José Saramago — Bloco 1, 2014) cria personagens que «encontram uma saída, uma espécie de fuga para a frente» (Tallone, 2014), pois conseguem encontrar um percurso alternativo face àquilo que as aflige. No entanto, dentro do universo ficcional, fazem-no de uma forma profundamente plausível, como exemplo de uma emancipação serena, calma e tranquila à semelhança das grandes revoluções da História, antes dos acertos contrarrevolucionários. No caso concreto de *A caverna*, Cipriano não provoca uma cisão revolucionária no centro comercial, mas o seu grito sugere uma atitude individual de libertação, passível de provocar uma onda de inspiração, uma vez que, eventualmente, todos poderíamos criar condições emancipatórias ao dizer *não* a uma vida que não queremos. Esta leitura entraria em concordância com a recente hipótese levantada pela investigação em Literatura e Filosofia de que os romances escritos na fase mais alegórica do autor não seriam pautados tanto pelo rasgo marxista-leninista, característico do seu posicionamento político, mas sim por uma inspiração idealista em que as personagens ultrapassam os seus próprios limites — visto que se libertam das amarras da estrutura dominante, a partir de uma escolha capaz de determinar a sua consciência.

In this ideological setting made up of deterministic instruments for interpreting History, the material conditions of a society's way of producing and reproducing the means of human existence or, in Marxist terms, the union of its productive capacity and social relations of production, fundamentally determine its organization and development. Saramago's allegories, however, are far from relying exclusively on the material conditions of the characters or of their states of affairs, such as neorealist movements used to do in literature; contrariwise, what fundamentally seems to determine the organization and subsequent development of social relations in his novels are mostly nonmaterial (one would almost say, "spiritual") elements that influence production, rather than the other way round.

The first working hypothesis at hand, then, is to ascertain if historical materialism is absent from Saramago's literary work by determining whether there is a contradiction between historical materialism and his specific kind of "non-naturalist" realism. (Campos, 2018: 63)

De facto, o debate sobre a liberdade individual e o livre-arbítrio não pode ser facilmente explicado na obra de Saramago, pois não é óbvio o valor ontológico da noção de possibilidade de escolha individual. Se considerarmos que Cipriano desenvolveu os seus pensamentos e sentimentos a partir do somatório de experiências concretas (viuvez, fim do fornecimento de loiças, fracasso dos manipulansos e mudança a contragosto para o Centro) concordamos que «não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, é o seu ser social que lhes determina a consciência» (Marx, in Eagleton, 2021: 16). Notamos, portanto, que a negação de Cipriano relativamente ao sistema que lhe é imposto é determinada pelas condições objetivas de vida no Centro. É essa experiência concreta que impele a personagem à recusa, ao mesmo tempo que permite que o leitor questione os princípios teóricos que norteiam o pensamento de uma sociedade que conduz o oleiro para um fim de vida esvaziado de significado existencial.

Em entrevista a Silva (2009: 23), Saramago menciona que:

Dizem que as minhas melhores personagens são mulheres e creio que têm razão. Às vezes penso que as mulheres que descrevi são propostas que eu mesmo quereria seguir. Talvez sejam só exemplos, talvez não existam.

Ora Cipriano Algor, enquanto personagem, poderá, tal como as mulheres, representar um ideal de comportamento, tornando-se o exemplo do operário que cumpre o seu papel ativo na história de libertação do proletariado. O seu constante mal-estar ao longo da obra e tenacidade na resolução de abandonar o Centro — «Em voz firme, Cipriano Algor dizia, Vocês decidirão a vossa vida, eu vou-me

embora» (Saramago, 2000: 335) — são ponto de partida para entender como se desenvolve a formação da mentalidade social de um determinado período histórico, num processo que dá conta de como interagem as classes sociais entre si e o seu posicionamento crítico ante os modos de produção.

Assim, a atitude do oleiro pode ler-se como um ensaio de liberdade que resulta da impossibilidade de aceitar a vida alienada que lhe é imposta naquele lugar. Tal poderia comparar-se com a ideia de que a emancipação da classe subalterna teria de ser levada a cabo pelos próprios trabalhadores, numa defesa de que o comunismo não deve ser alcançado por intelectuais ou filantropos, mas sim pelos próprios trabalhadores, a partir de um processo revolucionário. Uma das frases mais conhecidas de Marx, apresentada nas *Teses sobre Feuerbach* diz que «[...] Até agora, os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; mas o mais importante é mudá-lo», sugerindo que são os trabalhadores que devem fazer a sua própria revolução.

De acordo com esta ideia, é por via do trabalho que os trabalhadores entendem as suas verdadeiras necessidades, assim como as relações de dependência mútua que estabelecem entre si. Dão-se também conta do seu valor intrínseco na sociedade da qual fazem parte e, nesse sentido, só a participação no exercício ativo do próprio processo de mudança os tornaria preparados para a transformação desejada.

Cipriano Algor cumpre esse papel de libertação, visto que representa a pessoa que, ao entender a alienação que lhe é imposta, ganha consciência e, recusando-se a viver naquele lugar e daquela forma, dá o primeiro passo numa etapa do que seria uma revolução feita pelos próprios trabalhadores. Portanto, a sua escolha não determina o seu relacionamento social, pelo contrário, resulta do facto de ter tido uma experiência prévia de controlo dos métodos de produção; de ter sido proprietário da sua própria casa; e de, no momento de partida para o Centro, se ter sentido forçado a cortar o vínculo com Isaura Estudiosa, a quem entrega Achado, o seu cão.

Ainda hoje se debate o determinismo marxista, questionando-se a sua previsão da evolução da História. Contudo, o próprio Marx, em contra-argumento, responde que não existem leis únicas no funcionamento geral da sociedade. Por exemplo, um dos riscos que colocaria em causa a sua teoria das etapas consistia, precisamente, no avanço tecnológico e no esvaziamento da linguagem revolucionária, que retiraria à classe trabalhadora a possibilidade de compreender o funcionamento da opressão e, conseqüentemente, a sua libertação. Saramago problematiza muito bem esta questão, pois como anteriormente se referiu, permite-nos debater o real poder de escolha de Cipriano: até que ponto o seu grito emancipatório é uma escolha individual ou, pelo contrário, resulta de uma tomada de consciência fruto de uma necessidade concreta criada num momento histórico específico. Neste caso, talvez as personagens «não tenham outra opção senão ser livres» (Baltrusch, 2010: 10), embora nos pareça que essa liberdade apenas se possa referir à construção de uma sociedade socialista ou comunista. Marta, em diálogo

com seu pai sintetiza bem o imperativo de ação de alguém que se sente sem alternativa: «Não tenho a certeza de nada, salvo que não podemos continuar aqui parados, à espera de que o mundo nos caia em cima» (Saramago, 2000: 69). Quando Cipriano diz à filha «É uma aventura que vai acabar mal» (ibidem), Marta responde: «Também acabou mal o que não era aventura» (ibidem).

Note-se que Em *Sobre a questão judaica* (2010) Marx já tinha explicado que, por mais igualitária e liberal que fosse a lei, as ocorrências da vida quotidiana, marcadas pelos métodos de produção, continuariam a pautar-se por práticas discriminatórias, que oporiam a sociedade civil ao Estado. Portanto, ainda que teoricamente, perante a lei, todos os cidadãos fossem iguais, a nível de trocas económicas diárias, cada indivíduo defenderia o seu interesse privado da forma que lhe fosse mais conveniente, irrompendo, se necessário, em ações fundamentadas na lógica de competição e exploração do outro. O sujeito viveria, então, a dualidade de pertencer à fantasia coletiva de um Estado defensor de valores impossíveis de concretizar no domínio das relações quotidianas reais. No processo de luta pela consolidação de direitos tutelados (como igualdade, liberdade e propriedade), os indivíduos involuntariamente contribuiriam para a construção de relacionamentos atomizados fragmentadores da sociedade, uma vez que o processo de reivindicação seria forçosamente circunscrito a limites contrários aos interesses do outro. A sociedade liberal não teria outra opção além da normalização de processos de convivência em que os indivíduos se olhariam a partir de uma base de desconfiança. Nesse sentido, quando Saramago reconhece que ninguém é:

totalmente livre para dispor da sua vida como entende [...] a nossa vida é também orientada, determinada e empurrada pelas outras pessoas sem disso nos darmos conta (in Reis, *Diálogos com José Saramago*, 2015: 59),

fala das relações reais, tal como as conhecemos, dentro da lógica de um mundo que funciona num quadro capitalista. Nesta fase de desenvolvimento histórico, Cipriano nunca poderia ser um homem livre, pois teoricamente tem acesso a direitos iguais perante a lei, mas a verdade da sua existência é restrita a um nível operacional de ações que decorrem uns quantos graus abaixo dos ideais do Estado.

Bonifácio (2019: 74) explica-nos que Garrett se terá equivocado quando, no calor da sua juventude, afirmou que «Os Homens são iguais porque são livres». Já se reconhecia em 1820 que a teoria liberal se opunha ao conservadorismo tradicional e defendia a monarquia constitucional por oposição ao absolutismo régio. O novo paradigma encaminhava-se para a construção de numa sociedade livre a que correspondia um Estado pouco interventivo na esfera social, favorável à espontaneidade comercial e industrial, que resultava no aumento do fosso das desigualdades sociais e económicas. Por isso, Herculano, quiçá mais experiente, já não incorreu na ingenuidade de Garrett, e descreveu a sociedade livre como aquela em

que «o ousado predominará sempre sobre o tímido; o inteligente sobre o rude; o instruído sobre o ignorante; o forte sobre o fraco, o destro sobre o bronco, o rico sobre o pobre.» (ibidem)

A filosofia saída da Revolução Francesa e da monarquia constitucional inglesa de 1689 legitima a ascensão da classe burguesa e dá início a um processo de acumulação de riqueza que lhe é favorável, em detrimento das demais classes sociais. A partir da consolidação do seu domínio financeiro, por via do mercantilismo, cria uma nova esfera de influência capaz de formatar um certo tipo de Estado, cujas práticas e instituições não são mais do que a naturalização do seu poder enquanto classe. O século XVIII fica assim marcado pelo ideal iluminista, que inclui o liberalismo como um novo paradigma de pensamento, do qual emerge um significativo avanço civilizacional, capaz de uma nova organização do trabalho, imensamente mais produtiva, assim como a possibilidade de um Estado de direito limitador dos abusos de poder herdados do absolutismo.

No entanto, deste contexto também emergiram enormes desigualdades sociais, que se foram mostrando incompatíveis com um sentido ético de evolução para a humanidade. O início da revolução industrial, responsável por trazer inúmeros camponeses para as cidades, sujeitou-os a condições de exploração da qual não se podiam libertar, pois não reuniam condições de igualdade de ação e força ante as organizações capitalistas.

Essa é precisamente a situação da família Algor, que é livre para atuar no plano teórico e simbólico, mas está presa à sua circunstância económica, determinada pelas desproporcionalidades dos trâmites legais estabelecidos pelo Centro. A olaria está então sujeita a

[...] declaração de qualidade industrial que acompanhava cada partida e na qual a olaria assumia a responsabilidade de qualquer defeito de fabrico detetado na inspeção a que as louças seriam sujeitas, a confirmação de exclusividade, igualmente obrigatória em todos os fornecimentos, em que a olaria se comprometia, submetendo-se a sanções no caso de infração, a não ter relações comerciais com outro estabelecimento para colocação dos seus artigos. (Saramago, 2000: 22)

Regras contratuais desta natureza têm vindo a ser perpetuadas e funcionam como um *habitus* de naturalização do poder burguês, que numa lógica de capitalismo autorregulado, geram desigualdades sociais cada vez mais profundas. É neste sentido que a teoria social marxista denuncia a ideia de Estado neutro como uma forma de consolidação burguesa, que ao gerar desequilíbrios, só permite ao trabalhador vender a sua força de trabalho, sendo-lhe praticamente impossível uma existência que lhe dê o direito a pensar, exprimir e pôr em prática os princípios de emancipação liberais.

A burguesia, a partir da sua esfera de influência, estabelece um caminho contrário ao bem-estar coletivo, que teve o seu expoente máximo na fase de acumulação capitalista decorrida durante a revolução industrial. Era comum na época que, depois de anos de trabalho fisicamente esgotantes em fábricas insalubres, os operários, caídos na doença, corresse o risco de enfrentar a miséria extrema sob forma de fome e penúria total. As lutas sociais por regulação deram-se a partir deste descontentamento e visavam garantir que a classe trabalhadora, a partir de uma distribuição justa da riqueza, tivesse proteção em caso de perda de emprego, acidente de trabalho ou velhice.

O dilema de Cipriano, três séculos depois da consolidação do pensamento liberal, vem sugerir que alguns dos argumentos teóricos que fundamentam as diferentes vertentes do liberalismo, filosóficos, sociais ou económico, não se sustentam, quando pensados nessa perspectiva de emancipação a que se propunham. A ideologia dominante liberal burguesa, embora assente numa ideia de progresso, acaba por não se materializar devido às suas contradições intrínsecas irresolúveis.

A valorização da individualidade reconhecadora do valor que cada sujeito tem na sociedade, por oposição a formulações políticas mais coletivistas, não representou para Cipriano nenhum tipo de emancipação. Da mesma forma, o romance também não se encaixa nessa definição de projeto civilizacional de progresso paulatino de que através do esforço, do desenvolvimento da tecnologia e da ciência seria possível melhorar a qualidade de vida das pessoas. A olaria, que já havia sido do pai de Cipriano, não será herdada por Marta, que a par do marido, sofre as consequências de não conseguir sequer garantir acesso a habitação própria.

Saramago, habilmente, apresenta na diegese do romance a decadência e precariedade económica de uma geração que tem como afeto principal o medo pelo porvir. A crise estrutural capitalista, que neste caso específico se foca no modelo político neoliberal, não é capaz de criar um sentimento afetivo de valor positivo e esperança no futuro. É esse o contexto histórico do casal Marta e Marçal que experienciam os desafios da grande maioria dos jovens precários do início do milénio, que viram as suas vidas afetadas pelo revivalismo liberal, ideologicamente influenciado por Hayek e Von Mises.

Explica Boaventura Santos (2020: 5) que para o grupo social dependente do trabalho, a situação de crise já não pode descrever-se a partir do valor etimológico da palavra — que significa conjuntura temporária e excecional — para passar a representar um estado permanente de normalização de uma vida precária. A crise deixou de ser explicada e passou a ser a justificação que permite a consolidação do capitalismo numa versão que induz a maioria das pessoas a uma insegurança financeira crónica que lhes afeta as capacidades intelectuais; interfere na personalidade; e impede laços solidários de vínculo real. Por essa razão, o jovem casal sofre um novo mal social — a instabilidade constante do mercado de trabalho.

Marçal, homem «nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, sempre inquieto com a passagem do tempo, mesmo se o tem de sobra» (Saramago, 2000: 13), é um indivíduo já amplamente inserido na sociedade moderna. Trabalha dez dias no Centro e desfruta de quatro em família. Como personagem, explicita a mais valia do capitalismo criada não só a partir do controlo do processo de produção, mas também da compra da capacidade de trabalho dos sujeitos. Tal pressupõe um acordo, ainda que coercitivo, em que a entidade patronal exerce controlo num espaço determinado, pagando o uso do tempo em detrimento do resultado do trabalho do indivíduo. É sobretudo por via de Marçal que o leitor pode sentir a exploração resultante do pagamento do salário a troco do período em que o sujeito está ao serviço de quem lhe paga. Por isso, quando lhe é oferecida a possibilidade de para ali se mudar de forma definitiva, caso respeite as condições previamente estabelecidas, o Centro pede-lhe mais do que certas horas por dia. Marçal cede e acrescenta a este processo de aculturação a sua família, que se sujeita às regras de um emprego que lhes trucidada a identidade e os prepara no sentido da reprodução social da sua classe. Não é sem tensão que este processo decorre. Cipriano, desiludido com toda a situação, queixa-se à sua filha de que «Marçal, como o conhecemos agora, é todo ele guarda, guarda dos pés à cabeça, e suspeito de que é guarda até no coração» (Saramago, 2000: 51). Contudo, o núcleo familiar mantém-se unido, obedece e sujeita-se a um trabalho imposto a partir de uma perspectiva de subsistência, ainda que as relações entre os membros continuem afetadas. O leitor, porém, sente que os maus humores de Marçal e a sua impaciência são motivados pelo medo de não atingir os objetivos que, embora sendo estabelecidos pelo Centro, a personagem confunde como seus. Não quer prejudicar-se «na posição da lista dos candidatos a guarda residente, para ter mais comodidades, melhores condições de vida» (Saramago, 2000: 17) e, por isso, incomoda-se com os comportamentos do sogro nas suas deambulações estéreis de comportamentos interpretados como erráticos.

Marçal adota o comportamento emocional do trabalhador que sofre a frustração da impossibilidade de desenvolver uma carreira com naturalidade e confiança. Tal como outros jovens da sua geração, inclui-se numa nova categoria social — o precariado.

O precariado vive com ansiedade — numa insegurança crónica associada não só com o permanente caminhar sobre a corda bamba, com a consciência de que um erro ou um pouco de azar poderá fazer pender a balança ou para o lado da dignidade modesta ou para o lado da mendicidade, mas também com o medo de perder o que possui, mesmo quando se sente ludibriado por não ter mais. As pessoas sentem-se inseguras e stressadas, estão ao mesmo tempo «subempregadas» e «sobre-empregadas». Estão alienadas do seu trabalho e das suas ocupações (labour e works), e os seus comporta-

mentos são anónimos, incertos e desesperados. Quem está sempre com medo de perder o que tem está sempre frustrado. Sente raiva, mas normalmente de uma forma passiva. A mente precarizada é alimentada e motivada pelo medo. (Standing, 2011: 51)

Esta angústia e ansiedade dos jovens advém de um novo modelo de empregabilidade, que resultou das reivindicações neoliberais de flexibilização do mercado de trabalho. Sob argumento de que os custos de produção estariam a subir desmedidamente, ameaçou-se a sociedade com a deslocação de empresas para locais mais baratos. Este contexto levou à redução da segurança e proteção dos vínculos laborais, criando uma imensa espiral de insegurança.

No entanto, em *A caverna*, não é tanto o deslocamento que causa o conflito no romance, mas sim o totalitarismo quanto à forma de gestão e condicionamento dos gostos e necessidades de consumo dos clientes — «[...] para quem passaremos a fabricar louça se são os gostos de Centro que determinam os gostos de toda a gente» (Saramago, 2000: 42). O Centro não pode ser analisado apenas como uma geografia de transação económica, mas sim como um lugar de formação de novos valores, atitudes e comportamentos. Tornou-se, ao longo do processo de transição social, numa fábrica de modelos sociais, mais de acordo com as expectativas de um poder sem rosto; a quem convém a substituição de necessidades humanas reais, por bens alienantes e supérfluos que consolidam hábitos de consumo excêntricos. O centro comercial e a sociedade do consumo

não nasceu mecanicamente do facto de produtos mais numerosos serem vendidos a preços reduzidos: ganhou a sua legitimidade e difundiu-se socialmente através de uma cultura artística que, aplicada ao mundo dos bens materiais, se dedicou a estetizar os espaços de venda metamorfoseados em lugares de deslumbramento capazes de criar novos ritos, novos fetiches, um novo estilo de vida. [...] preenche o vazio do quotidiano e o tédio dos dias com sensações plenas. (Lipovetsky e Serroy, 2013: 170)

Vive-se, assim, uma vida na sombra das suas potencialidades, numa sociedade que perdeu o respeito pelas suas tradições e, por isso, ignora a importância histórica do avanço civilizacional que resultou do domínio do barro. O Centro sente legitimidade para obliterar por plástico «o tesouro arqueológico» (Saramago, 2000: 305) que constitui a olaria, sobrepondo o lucro à beleza da produção de peças artesanais, que acabam substituídas por cópias imperfeitas.

Não terá sido por acaso que Saramago escolheu para título da sua obra *A caverna*. Um alerta para o facto de que hoje é que estamos de facto a viver na caverna de Platão, porque as próprias imagens que nos mostram a realidade de alguma maneira substituem a realidade. Nós estamos no mundo a que chamamos mundo

audiovisual, nós estamos efetivamente a repetir a situação das pessoas aprisionadas ou atadas na caverna de Platão, olhando em frente vendo sombras e acreditando que essas sombras são a realidade (José Saramago — o Mito da Caverna nos dias de hoje, 2022).

Os romances de Saramago não apresentam respostas fechadas aos desafios da nossa época, pelo contrário, abrem caminho para um debate reformulador de um mundo que queremos construir com pensamentos cada vez menos únicos.

Repare-se que «[...] foi preciso passarem todos estes séculos para que A Caverna de Platão aparecesse finalmente num momento da história da humanidade, que é hoje.» (ibidem). Nesse sentido, ler e estudar Saramago a partir da dialética marxista da História significa para cada geração um novo olhar dinâmico sobre as mutações que se vão operando na sociedade. Tal corresponde a uma imensa responsabilidade, mas também liberdade, no sentido de encontrar respostas não baseadas em experiências passadas para desafios contemporâneos.

Lembra Piketty, no documentário *O capital no século XXI*, que o comunismo poderá ter criado na Europa de Leste miséria e repressão política. No entanto, a falência da União-Soviética não significa que a livre iniciativa e a total desregulação dos mercados sejam a solução. Níveis de concentração de riqueza nas mãos de uma elite reduzida têm feito aumentar a pobreza em todo o mundo, levando a que as pessoas se incompatibilizem com os valores do atual sistema, voltando-se para discursos populistas, nacionalistas e xenófobos. Nesse sentido, repensar o nosso projeto de desenvolvimento é o legado que nos deixou Saramago, através de um tipo de literatura que sabemos que incomoda o poder. O seu ofício do escritor, que pode ser comparado ao de um ativista político, exige do leitor a mesma coragem: discutir e intervir no mundo como um ato de cidadania na construção ativa de sociedade mais justa e humana. Sem pedir desculpa.

Referências bibliográficas

- ARNAUT, A. P. (2014). «José Saramago: da realidade à utopia. O Homem como lugar onde». In: Baltrusch Burghard (ed). *O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia — Estudos sobre Utopia e Ficção em José Saramago*. Berlim: Frank&Time, p. 42.
- BALTRUSCH, B. (2020). «A sua jangada ainda flutua sobre as águas: revisitando José Saramago dez anos após a sua morte — com Sena e Sartre ao fundo». *Santa Barbara Portuguese Studies*, 2nd Ser., Vol. 5, p.10.
- BONIFÁCIO, M. de F. (2019). *Fora da circunstância*. 1.ª ed. Lisboa: D. Quixote.
- CAMPOS, A. S. (2018). «José Saramago's Magical Historical Materialism». In: Carlo Salzani & Kristof K.P Vanhoutte (Ed.) *Saramago's philosophical Heritage*. Switzerland: p. 63.

- EAGLETON, T. (2021). *Porque é que Marx tinha razão*. 2.^a ed. Lisboa: Edições 70.
- LIPOVESTSKY, G., SERROY, J. (2014). *O capitalismo estético na era da globalização*. 1.^a ed. Lisboa: Edições 70.
- MARX, K. (2008). *Manuscritos económico-filosóficos de 1844*. 1.^a ed. Madrid: PRI-SA INNOVA SL.
- OIT (2004). *Por una globalización justa: crear oportunidades para todos*. Comisión Mundial sobre la Dimensión Social de la Globalización. Ginebra. Disponível em: <https://www.ilo.org/public/spanish/wcsdg/docs/report.pdf>. Acesso em 06/06/2021.
- SANTOS, B. de S. (2001). *Globalização: fatalidade ou utopia?* 1.^a ed. Coimbra: Edições Afrontamento.
- (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. 1.^a ed. Coimbra: Edições Almedina.
- SARAMAGO, J. (2000). *A caverna*. 1.^a ed. Lisboa: Caminho.
- SILVA, J. C. (2009). *Uma longa viagem com José Saramago*. 1.^a ed. Porto: Porto Editora.
- STANDING, G. (2011). *O precariado*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Presença.
- TALLONE, L. (2014). «O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia — Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago, Berlim, Frank&Time». *Polissema-Revista de Letras do ISCAP*, Vol.14 , p.335.
- WOLFF, J. (2003). *Porquê ler Marx hoje?* 1.^a ed. Lisboa: Edições Cotovia. Disponível em:
- José Saramago – o Mito da Caverna nos dias de hoje. Netmundi.org: Arte, Cultura e Filosofia, 12/06/2022. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/zGmV9A-XQgo>. Acesso em 31/05/21.
- Especiais – José Saramago – Bloco 1. TV Senado, 25/04/2014. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/kIuFL6B7hp4>. Acesso em 31/05/21

Biodata

Ana Cláudia Henriques é licenciada em Português-Francês (via ensino) pela Universidade de Aveiro em 2005, iniciou a sua carreira profissional em Portugal, tendo trabalhado como professora de Português no ensino secundário. Pós-graduou-se em Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo Instituto Piaget no Porto e, em Gestão Curricular, pela Universidade de Aveiro. Paralelamente estudou Literatura e Cultura Espanhola também pela Universidade de Aveiro. Mudou-se para os Estados Unidos entre 2012 e 2016, tendo sido responsável pela gestão curricular das disciplinas de Espanhol e Português e, entre 2016 e 2019, foi professora de Espanhol em Londres. Atualmente é doutoranda em História na Universidade Nova de Lisboa e professora de Português no ensino regular em Portugal.